XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CORPO, DESENHO E MOVIMENTO

Laura Cristina Souza da Silva – UEL luacristina99@gmail.com.br;
Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza – UEL marire@uel.br

Eixo 1: Educação e Infância

Resumo
Este artigo apresenta reflexões sobre a ação docente em Arte na educação infantil, desenvolvida em Londrina/PR, na Escola Municipal Melvin Jones, com uma turma do infantil IV. Baseada na pesquisa didática sobre desenho e movimento a partir de Tony Orrico e Segni Mossi, ele apoia-se teoricamente em Freire, Rancière e Deleuze. Conclui que o trabalho com as linguagens da Arte é essencial para a formação da criança quando o propósito é contemplar os direitos à aprendizagem estabelecidos nos documentos oficiais e desenvolver a autonomia desses sujeitos.

Palavras-chave: Artes; Educação Infantil; Desenho.

Introdução

O presente relato objetiva investigar a prática docente, no contexto da educação infantil, a partir das vivências no estágio curricular em Artes Visuais.

O estágio curricular nos cursos de Licenciatura constitui um momento especial para o professor em formação, pois é o início da experiência docente na qual tudo é novo. O relato que aqui apresento é fruto do Estágio Supervisionado I, disciplina do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Londrina, realizado na Escola Municipal Melvin Jones com alunos do nível quatro da Educação infantil – P4.[1]

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Licenciatura, o Estágio Supervisionado tem a finalidade de estreitar o contato do estudante com a docência, unindo as bases teóricas adquiridas durante o curso com a atividade em sala de aula e preparando-o para o exercício profissional. Em muito contribui para o entendimento do espaço

1 A partir deste momento quando houver referência à turma trabalhada será utilizado o termo **P4.**

educativo durante o processo de formação, ao proporcionar a construção de aprendizados empíricos e reflexões que favorecem o percurso acadêmico. Vale lembrar que o Artigo 5º da Resolução CNE n. 02/2015, no inciso IV aponta que se deve conduzir o professor em formação:

> […] às dinâmicas pedagógicas que contribuam para o exercício profissional e o desenvolvimento do profissional do magistério por meio de visão ampla do processo formativo, seus diferentes ritmos, tempos e espaços, em face das dimensões psicossociais, histórico-culturais, afetivas, relacionais e interativas que permeiam a ação pedagógica, possibilitando as condições para o exercício do pensamento crítico, a resolução de problemas, o trabalho coletivo e interdisciplinar, a criatividade, a inovação, a liderança e a autonomia.

Os planejamentos utilizados foram baseados nos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento da Educação Infantil, com enfoque no campo de experiência do Corpo, Gestos e Movimentos, presentes na Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil. Após as informações a respeito da escola, será exposto aqui, a maneira como a expressão artística se deu em torno da ideia de movimento, em sucessivas estratégias fundamentadas na criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão - dimensões do conhecimento na área de arte.

A elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) determina que a instituição respeite as Diretrizes Curriculares Municipais de Londrina, adotando, por consequência, uma abordagem Histórico-Cultural. A escola busca atender e conviver com representantes da pluralidade cultural e diferenças sociais existentes no país, levando a uma prática democrática para que todos possam ser atendidos adequadamente, tendo suas individualidades respeitadas. Seu objetivo é formar cidadãos críticos, capazes de interagir e provocar mudanças na realidade a qual estão inseridos.

O PPP refere-se à disciplina de artes a partir do conteúdo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), inferindo o incentivo à exploração, fruição, questionamento, encantamento e o conhecimento dos alunos em relação ao mundo social e físico. O conteúdo de Arte previsto no planejamento corresponde a especificidades como o fazer artístico em dança, em música e

teatro. A apreciação estética, a expressão, a reflexão e contextualização histórica das Artes Visuais.

Tomei por parâmetro algumas perguntas apontadas no PPP da Escola, que devem nortear a avaliação, transformando-as em objetivos. Assim:

- Investigar quais as vivências da criança com as diversas modalidades das artes visuais;
- Compreender como a criança se expressa por meio destas modalidades atribuindo sentido ao mundo, as sensações, aos pensamentos e transformação da realidade;
- Estudar a relação que a criança faz diante de diferentes linguagens artísticas; e
- Analisar como ela se comporta frente às suas produções e as dos colegas.

Apesar dessas questões estarem presentes no PPP, ainda assim observei a dicotomia entre a abordagem teórica existente e a realidade prática experimentada no período do estágio. É perceptível um grande despreparo dos professores frente à disciplina de artes, sendo consequente um distanciamento entre os objetivos gerais e o que é trabalhado em sala. Foi observado um pensamento limitador que acaba por atrelar a matéria à decoração do espaço escolar ou à pintura de tarefas relativas a outras atividades escolares. Sendo assim, a expressão, a crítica e a fruição artística limitam-se ao pouco conhecimento dos professores de formação geral, não contemplando as especificidades da área.

Essa divergência entre a teoria e a prática pôde ser entendida a partir da maior preocupação do corpo escolar em atender as expectativas estéticas da comunidade, no lugar do desenvolvimento da expressão livre de estereótipos e criatividade dos alunos.

O planejamento baseou-se na expansão da percepção estética e espacial dos alunos, tematizando o desenho e o movimento livre em grandes dimensões. Todas as propostas de intervenção visaram inferir na prática artística enquanto uma experiência cognitiva, criativa e passível de intervir na percepção de mundo dos alunos. Procurei realizar um trabalho individual de

acompanhamento das dificuldades de cada criança, assessorando suas produções para uma melhor compreensão das possibilidades artísticas. O resultado de cada regência foi avaliado enquanto um processo de experimentação por parte dos estudantes, compreendendo suas criações como uma investigação continuada.

A partir da vivência docente nesse processo do ensino constatei a importância da mediação na experiência dos alunos com a arte, de modo que estes deixaram de ser meros receptores passivos de informações distantes de seu contexto, transformando-se em produtores ativos de uma realidade em constante mudança e desenvolvimento. Ao complementar a prática com leituras que contemplavam a formação no ensino de artes, deparei-me com esta fala de Paulo Freire que traduz com clareza o sentimento vivido no espaço escolar.

> Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso a me admirar (FREIRE, 1996, página????).

Metodologia

As propostas deste relato fazem parte do estágio curricular de Artes Visuais; as ações foram elaboradas em conjunto com a disciplina de Estágio Supervisionado I, visando a experiência prática na formação docente. Dessa forma, os planejamentos foram desenvolvidos com o auxílio do material disponibilizado pela disciplina e pela supervisora designada para acompanhar o processo. Pautei-me principalmente no trabalho da escola italiana Segni Mossi, buscando explorar a espacialidade e o movimento do corpo pelo desenho.

Ainda assim, as propostas foram adaptadas para a situação da turma, reconhecendo seus potenciais e dificuldades no período previsto para a observação, subsidiando as propostas realizadas com as crianças. Convém esclarecer que não houve um planejamento fechado, procurei avaliar as respostas a cada proposta para estruturar as propostas seguintes. A escola providenciou os recursos para as aulas realizadas e aqui citadas (papel, tintas, projetor, espaço físico, etc). A fundamentação teórica baseou-se na produção dos autores Rancière, Freire e Deleuze, para conceituar a percepção do ensino-aprendizagem pela experiência artística.

Discussão

A experiência escolar possui um conjunto de idiossincrasias que só pode ser percebido no contato com a prática; suas especificidades abarcam tanto o contexto daquele espaço, quanto dos alunos e do professor envolvido. Nessa junção, surge a necessidade de encontrar uma maneira própria para desenvolver um trabalho significativo; o professor, nesse processo, assume o papel essencial de mediador entre o conteúdo e o estudante. Ele é aquele que proporciona a experiência mediante sua capacidade de reconhecer, possivelmente, a forma mais adequada de realizar esta - e qualquer seja esta - experiência. Rancière (2002) em seu livro *O Mestre Ignorante*, explicita que

> O segredo do mestre é saber reconhecer a distância entre a matéria ensinada e o sujeito a instruir, a distância, também, entre *aprender* e *compreender.* O explicador é aquele que impõe e abole a distância, que a desdobra e que a reabsorve no seio de sua palavra. (RANCIÈRE, 2002, p. 18)

Podemos ainda encontrar semelhanças entre este pensamento e a conceituação do professor para Freire (1996) quando este ressalta uma necessidade de desestruturar esta hierarquia que posiciona aquele que educa como possuidor de todos os saberes, enquanto o aluno um receptor vazio. Sua perspectiva colabora para a compreensão do ensino como um espaço propício

para vivências significativas, que se conectam com o contexto do educando a todo tempo.

> Na verdade, meu papel como professor, ao ensinar o conteúdo a ou b, não é apenas o de me esforçar para, com clareza máxima, descrever a substantividade do conteúdo para que o aluno o fixe. Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. [...] É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. (FREIRE, 1996, p. 45)

Pensando nesta dissolução do ensino vertical, é relevante perceber que a arte é um valoroso veículo para visualizar a docência que parte da experiência do aluno; o contato com os materiais, a solução de problemáticas do espaço, da cor, da representação ou da expressão em muito colaboram para o enriquecimento da percepção particular de mundo que a criança desenvolve continuamente. Trazer esta experiência específica do estágio objetiva demonstrar, pelos resultados obtidos, a necessidade de priorizar a autonomia, a liberdade do sujeito e sua capacidade criadora, quando inserido em um ambiente propício.

Percebi durante o estágio uma recusa em alimentar nas crianças o entendimento pela experiência, encontrando empecilhos que muitas vezes são parte do processo: a bagunça no espaço, os resultados que nem sempre são esteticamente (para o senso comum) agradáveis, a energia difícil de ser contida nos alunos. Enquanto estudante de Artes Visuais, todos estes pontos são edificadores; a experiência artística não se constitui apesar deles, mas por conta deles. Teorizo essa questão a partir de Deleuze, quando o autor insiste em conceituar o problema como desencadeador de acontecimentos, sendo então, por consequência, uma existência indispensável. Desta forma, não é possível ainda hoje entender o pensamento de forma linear, e processo de aprendizado como um método preciso; Deleuze critica esta lógica positivista

que é encontrada também em todo o sistema do ensino. Através do filósofo, se tomarmos sua concepção de estrutura rizomática da compreensão humana, como exprimir as sutilidades de um ensino artístico por uma aula engessada, baseada em outras áreas do conhecimento, que não discrimina o parecer de cada aluno sobre o material, sobre o fazer na arte, sobre (até mesmo) sua historicidade? (CORAZZA, 2012)

Explico com um exemplo: presenciei, no meu período previsto de observação, a concepção de aula de arte da professora regente. Neste dia, ela ilustrou a necessidade de lavar as mãos dando a eles torneiras recortadas para serem coladas em um papel, assim como suas mãos recortadas. Os alunos pintaram gotinhas de água na folha com cotonetes e tinta guache; entretanto, ela era responsável por segurar suas mãos, posicionar na tinta e carimbar no papel. A única função designada a eles era a de pintar as pequenas gotas de água, e ainda assim, quando tentavam explorar o material além da proposta era dito a elas que estava errado. Há aí um perceptível engessar da prática, uma linha de produção que visa um contentamento estético unificado, indiscriminado. Sendo assim, procurei novos entendimentos a serem trabalhados em sala de aula, utilizando o desenho como um dispositivo desencadeador de vivências, de percepções únicas, de encontros com a própria autonomia. O relato descrito abaixo é um exemplo das aulas realizadas no estágio supervisionado.

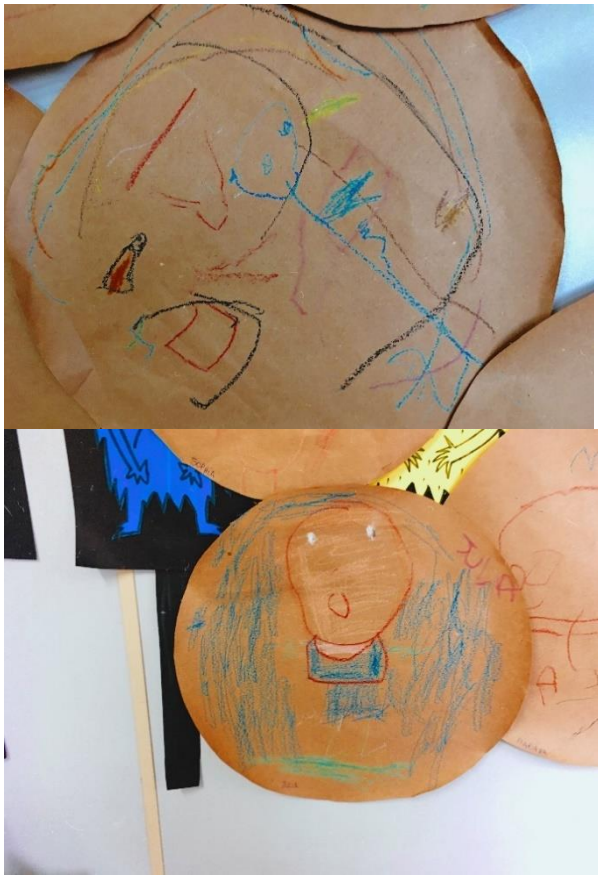
Neste dia, cheguei na sala e conversei com as professoras sobre a proposta a ser trabalhada. Trouxe comigo uma série de livros ilustrados de artes e papéis Kraft cortados em círculo. Sentamos em roda e expliquei que hoje falaríamos do corpo, e de como ele era presente nas artes visuais. Para isso, perguntei a eles que partes tinham o corpo deles, pra que serviam, etc. Então mostrei diversas obras de artistas como Van Gogh, Gauguin, Tarsila do Amaral, que apresentavam a figura humana como tema principal. Eles maravilharam-se com as imagens, se interessavam pelas diferentes cores e formas de representação que nunca haviam visto.

Após esse momento inicial, liguei a música (fiz uma playlist com canções de música popular brasileira e outros ritmos, buscando encontrar similaridades com o tema da aula) e pedi que sentassem nas mesinhas pois

cada um faria o próprio corpo com a massa de modelar. Alguns tinham extrema facilidade, fizeram a si e membros da família, enquanto outros mostravam dificuldade em perceber o próprio corpo e as partes que o compunham. Fui auxiliando-os nessa atividade até que todos houvessem terminado. Depois disso, a segunda parte consistia em utilizar os grandes círculos de Kraft para desenhar o corpo. Nessa etapa, senti grandes disparidades na maneira como cada um se enxergava, e vi que alguns ficavam ainda limitados à cabeça e os braços e pernas de palito. Entretanto, lembrei-me de que poderia ser extremamente desencorajador os lembrar do que faltava na figura, e em vez de apontar para o que não haviam feito diretamente, como se estivesse se tratando de um erro, procurei outra abordagem. Sentava próximo do aluno e dizia “gostei muito do seu desenho. Me conte, o que você usa para subir no escorregador do parquinho?” e eles respondiam “as mãos”, ou então “quando está em casa e sente um cheiro gostoso de bolo, que parte do seu corpo sente o cheiro?” “o nariz”. Então sugeria “por que você não acrescenta isso no seu desenho? Ele também quer sentir o cheirinho do bolo!”. Dessa forma, eles corriam de volta para seus lugares e completavam seus desenhos, contentes.

Enquanto as crianças iam para o intervalo, colei todos os desenhos na parede para que pudéssemos conversar depois. Também coloquei no chão grandes folhas do papel Kraft no chão, formando um quadrado que seria utilizado na outra parte da aula.

Registros do desenvolvimento da atividade, 2019



. **Fonte**: acervo pessoal

Quando as crianças voltaram, conversamos a respeito dos desenhos, falei que havia exposto eles na parede como obras de arte e que cada um deles era um artista. Eles apontaram para o trabalho dos colegas e elogiaram os que haviam gostado. Os alunos ficaram muito curiosos para saber o que faríamos no papel que estava no chão. Expliquei que a proposta era desenhar o contorno do próprio corpo, para que percebessem as dimensões que os compunham. Então um aluno ficaria deitado enquanto o outro traçaria seus limites com o giz. Ao som da música, eles ficaram muito entretidos com a ação e foi um momento de liberdade, ainda que dentro do objetivo da aula. Eles completavam o desenho com olhos, boca, nariz, etc. Os traços iam se sobrepondo ao tempo que cada aluno desenhava, formando uma grande figura.

Esse momento durou até o fim da aula, e houve grande concentração e envolvimento por parte dos alunos, resultando em um grande aproveitamento do tempo ali. Graças a facilidade de contornar o corpo do amigo, as crianças impressionavam-se com os resultados depois de levantar, tornando a atividade satisfatória e enriquecedora.

Registros do desenvolvimento da atividade, 2019

. **Fonte**: acervo pessoal

Considerações Finais

A experiência do estágio obrigatório busca a aproximação do aluno com a realidade da docência, proporcionando aprendizados e vivências que não são possíveis através do conhecimento teórico. Por consequência, a apreensão das dimensões do trabalho do educador (seus desafios, conquistas

e especificidades) vão além das expectativas geradas durante os quatro anos do curso de Artes Visuais, divergindo dos planos teóricos para abarcar uma dimensão subjetiva da formação que só é enxergada no espaço da sala de aula. O contato com a Educação Infantil e Fundamental proporciona a expansão do que é tido como o papel do professor, ao ser percebida a relevância da expressão livre e crítica desde o início da vida enquanto cidadão.

Através do estágio, a arte passa a ser visualizada como mais que uma fonte de conhecimento; ela é tida enquanto ferramenta pedagógica para a autonomia do indivíduo, em uma troca constante entre aluno e professor. A arte, quando praticada na experiência docente, é um veículo poderoso para desestruturar a percepção vertical do ensino, posicionando o educador enquanto ponte para os aprendizados no contexto do estudante.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional – LDB n º. 9394/96. Brasília: Mec/SEF/COEDI, 1996.

_____ Ministério da Educação. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Conselho Nacional de Educação. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada. Resolução CNE/CP n. 02/2015, de 1º de julho de 2015. Brasília,

CORAZZA, Sandra Mara. Contribuições de Deleuze e Guattari para a pesquisa em Educação. Revista Digital do LAV, Santa Maria (RS), ano 5, n. 8, 2012, p. 01-19. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/revislav/article/view/5298>. Acesso em: set, 2019.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, S. Deleuze & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RANCIÈRE, Jacques. O Mestre ignorante: 5 Lições Sobre A Emancipação Intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.